

# ALPHABETIZAÇÃO

## POPULAR

CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS  
 PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO  
 CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS  
 PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 18000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º | LISBOA, 16 DE OUTUBRO DE 1884 | NUMERO 16

### CHRONICA DA SEMANA

O monumento a Antonio Rodrigues Sampaio — A crise e o cholera.

O *Diario de Noticias*, em um dos penultimos numeros, abriu uma subscrição para ser erigido um tumulo ao grande jornalista Antonio Rodrigues Sampaio, precedendo esse appello á generosidade do paiz, com umas considerações sobremaneira dignas da imprensa periodica e do nome do grande escriptor, que honrou a patria com assignalados serviços como publicista, e o jornalismo com os mais notaveis trabalhos, dos que têm visto a luz da publicidade, desde que somos um paiz constitucional.

Folgamos em registrar o facto; e pezar temos de não podermos dispôr do espaço necessario para transcrevermos fielmente aquelle artigo; mas fazendo



ATIRADOR ABYSSINIO

referencia a elle temos em vista dar publicidade a esse facto, para que os nossos leitores não ignorem que, na redacção d'aquelle periodico, se recebem quaesquer quantias, por mais avultadas ou insignificantes, destinadas áquelle fim.

Se alguma vez se invocou com justos motivos a gratidão nacional, foi de certo agora, porque não houve, na geração actual, quem mais merecesse e tanto fizesse em prol das liberdades publicas e do engrandecimento da patria.

Antonio Rodrigues Sampaio foi mais que um trabalhador incansavel, foi mais que um operario distincto, foi mais que um artista notavel entre os muitos, que ergueram o edificio das nossas liberdades politicas e das nossas regalias sociaes.

Elle foi mais que isso,

porque representou sempre a reacção contra todos os abusos, que podessem, mais ou menos, affectar essa liberdade, pela qual se bateu no campo das luctas civis, pela qual se sujeitou aos profundos dissabores do homizio, e pela qual arriscou muitas vezes a vida.

Não havia caracter mais finamente temperado, nem alma com mais brilhantes qualidades que a sua.

O seu estylo era luminoso como o rasto dos meteoros, mas o seu pensamento queimava como a lava candente dos vulcões.

O *Espectro* ha de ser em todos os tempos uma maravilha do genio, um modello esplendido dos primores da nossa lingua e um documento autentico e indiscutivel da independencia de caracter dos caudilhos da nossa constituição.

Em homenagem ao civismo do grande patriota, como preito ao talento do incomparavel jornalista, em testemunho de reconhecimento pelos serviços prestados ao paiz pelo insigne estadista, pedimos aos nossos leitores, que concorram, no limite dos seus recursos, para a obra do monumento funebre, onde se guardem as cinzas de Antonio Rodrigues Sampaio. Associa-mo-nos, assim, ao pensamento e perfilhamos a ideia do articulista do *Diario de Noticias*.

×

A crise continúa sendo o assumpto forçado de todas as conversas politicas e cada qual, ao sabor das suas affeições partidarias, trata essa questão, que não deixa de ter interesse, por ser difficil calcular qual seja a sua solução definitiva.

Para nós a questão tem importancia pela discordia, que estabeleceu no seio do gabinete, a ser verdade o que dizem os jornaes: que os srs. ministros da fazenda e da justiça exigem a demissão do actual governador civil de Lisboa.

Não sabemos o que ha de verdade nos boatos, que correm; mas affigura-se-nos que a demissão do illustre magistrado, já seria um facto consummado, se s. ex.<sup>a</sup> tivesse assumido a responsabilidade dos factos e das resoluções tomadas com relação aos acontecimentos da assembleia geral da Companhia dos Caminhos de Ferro.

O sr. Segurado decerto obedeceu a instrucções superiores e essas instrucções não podiam deixar de ter sido discutidas em conselho de ministros e n'esta hypothese forçosamente hão de ser mantidas, ou o governo tem de cahir com o seu delegado, que as sancionou.

Entendemos que no momento actual é impossivel a sahida de qualquer dos ministros e portanto inconveniente qualquer recomposição ministerial, sejam quaes forem as dissensões e discordancias, que lavrem no seio do gabinete.

Antes de um mez devem reunir-se as côrtes constituintes e o governo, apresentando-se perante as camaras, hade responder pelos seus actos e só então se poderá apurar a responsabilidade, que a cada um cabe, não só na questão que prende actualmente a attenção publica, como em muitas outras, de que lhe hão de pedir contas.

Até lá achamos inconveniente qualquer resolução, que não seja manter o que se fez, bem ou mal, porque da discussão é que se hade apurar o erro ou o acerto dos actos, que se praticaram.

×

Os reccios da invasão do cholera parecem estar completamente banidos do espirito publico.

Já se não falla no terrivel *microbio* e é isso o que nos faz receiar ainda, porque ao passo que vemos aquietado o medo vemos augmentado o perigo, apesar de termos a nosso favor a baixa de temperatura e a approximação do inverno.

Para nós a situação está difinida: já não temos a visita do flagello no corrente anno; mas se não formos cautelozos e prudentes havemos de sentir-lhe os effeitos na proxima primavera.

Isto não é curtir reccios infundados, nem sobresaltar o espirito publico com um *panico* intempestivo. Isto é recommendar todas as cautellas e pedir a quem compete, que se continue na adopção de todas as providencias tendentes a salvaguardar-nos do perigo ou a attenuar-lhe os effeitos, caso elle se torne effectivo.

Todos os rigores sanitarios devem continuar em vigor, porque d'elles resultou para a capital um beneficio immenso, como se vê das estatisticas officiaes, que mensalmente se publicam.

O numero de obitos decresceu consideravelmente e isso não pode attribuir-se a outra causa que não seja a beneficiação da *circumfusa*, que effectivamente melhorou com a fiscalisação das auctoridades, com as visitas sanitarias e com os muitos expedientes, de que se lançou mão, na difficil conjunctura, em que nos vimos.

Não descuremos agora o que tão auspiciosamente começamos.

Continuem as auctoridades no zelozzo cumprimento dos seus deveres e cada um contribua pela sua parte com igual solicidade, para vêr se assim conseguimos a nossa immundade ou pelo

menos que sejam mais benignos os efeitos, se porventura tivermos de atravessar uma crise angustiosa com o advento do mortífero flagello.



## DESCRIÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa um caçador abyssinio.

Guillaume Lejean, em um dos seus livros de viagens publicado em 1863, dá circunstanciada notícia do caracter, estatura, habitos e costumes d'esses povos guerreiros, contra os quaes em 1866 a Inglaterra fez uma gloriosa expedição.

O atirador abyssinio é quasi sempre um montanhês do Tigre, dotado de uma bravura fria e impassivel e com uma pontaria certa e quasi sempre infallivel.

Os abyssinios têm uma cavallaria ligeira excellente. Na carga de cavallaria largam as redeas e combatem com ambas as mãos, coagindo os cavallos a fazerem prodigios de movimento obrigados apenas com as pernas e com os joelhos. Cada cavalleiro vae armado com uma espada e duas lanças e os seus golpes são tão medidos que são quasi sempre mortaes.

Esta cavallaria ataca com tal furia um quadrado, que faz saltar os cavallos sobre os infantes, rompendo quasi sempre as linhas inimigas.

No livro a que acima nos referimos pôde a curiosidade do nosso leitor encontrar amplos detalhes d'estes povos aguerridos.



A nossa segunda gravura representa uma dança guerreira dos Maoris, habitantes da nova Zelandia.

Os Neo-Zelandezes são altos, robustos, e de formas atheleticas.

A côr da pelle é semelhante ás dos homens do sul da Europa. O rosto é oval, a testa pequena, o olho esbugalhado, preto e cheio de fogo, o nariz aquilino ou achatado, a bocca grande, os labios grossos e os dentes pequenos, bem dispostos e formosamente esmaltados.

Usam o cabello comprido e separado em tranças.

São industriosos estes povos e as mulheres são eximias no fabrico dos estofos, que fazem das fibras do *Phormium tenax*.

Ha obras de arte feitas por elles e para se avaliar a habilidade com que os dotou a natu-

reza basta vêr as esculpturas com que elles ornaram as suas pirogas, embarcações feitas de um unico tronco de arvore e que têm ordinariamente quarenta pés de comprido.

Estes povos são eminentemente guerreiros, mas não têm grande variedade de meios de destruição. Não se servem da flecha e usam uma especie de *casse-lete* feitos de pedra cortante, presos ao pulso por meio de uma correia.

As suas danças, como se vê na gravura, são umas pantomimas, em que os figurantes, raras vezes, mudam de logar e constam de gestos e movimentos executados com a maior precisão.

Todas essas danças têm um sentido allegorico e referem-se ás declarações de guerra, aos sacrificios humanos e aos funeraes.



A nossa terceira gravura representa um jantar de mulheres birmanias, pertencentes a um dos grupos dos povos *indo-chinas*, que são considerados como pertencentes à raça amarella, apesar de terem a côr mais carregada que os chinezes e os japonezes.

A estatura d'estes povos é mais pequena e são menos civilizados e distinguem-se pela indolencia do seu caracter.

Os birmans têm o nariz um pouco achatado, as maçãs do rosto salientes, o olhar sem intelligencia, narinas largas, bocca grande, os labios ensanguentados pelo uso do betel e os dentes negros como o ebano. Os homens usam a cabeça completamente rapada, exceptuando o alto, onde deixam crescer uma especie de penacho. O cabelo é preto e aspero.

As mulheres usam o mesmo penacho, mas os cabellos são finos e andam bem tratados.

O vestuario é pouco complicado em ambos os sexos.

A tanga é o unico vestido dos homens e as mulheres além da tanga usam uma facha, que lhes vae de um ao outro hombro.

Ellas adoram as joias e com tanto que brihem, pouco lhes importa que sejam boas ou falsas.

Os aneis, os bracettes, as laminas de ouro e de prata e os amuletos são os seus principaes adornos, que usam nos braços, nas pernas, no pescoço, nas orelhas, nos hombros e em todos os logares do corpo, em que os possam collocar.



A nossa quarta gravura representa uma mulher do Cairo com o seu fato caracteristico e com a sua elegancia acentuadamente correcta

apesar de entre ellas ser desconhecido o espartilho e os multiplices recursos, com que a moda, na Europa, corrige umas vezes e outras disforma a natureza.

A mulher do Cairo usa collete muito aberto, umas calças largas de seda, presas nas roliças ancas com fachtas brilhantes, e uma tunica de gase ou de tulle côr de carne, compridas chinellas amarellas ou vermelhas, collares e meda-

lhas em volta do pescoço e nos braços vistosos braceletes.

Prendem o cabelo na nuca com formosos laços de fitas, que deixam cahir com adoravel negligencia sobre os hombros, largos e proeminentes.

Fumam e bebem *aqative*, uma especie de anisette e abusam do café, bebida, pela qual têm uma grande predileção.



DANÇA GUERREIRA DOS MAORIS (habitantes da Nova-Zelandia)

## MINIATURAS

SCHILLER

ENTRE OS poetas modernos, como Goethe e Byron, refflori Schiller, gloria da scena allemã e nascido em Marbach a 10 de novembro de 1759. Schiller dedicou-se até aos 20 annos ao estudo de diversas sciencias, como a theologia a medicina e a jurisprudencia, mas nas horas de ocio recreava a imaginação com a leitura de Homero e Vergilio. Schiller na sua juventude, exuberante de desgostos e decepções, escreveu a sua obra dramatica *Os Salteadores*. Foi delirante a ovação, que recebeu a sua estreia, e milhares de mancebos, pertencentes à

primeira sociedade allemã, abandonaram as escolas para irem para as florestas imitar o capitão dos salteadores, Carlos Moor.

O nome do escriptor vulgarisou-se com rapidez, e o duque de Weimar, o rei da Dinamarca e muitos outros grandes senhores contaram Schiller no numero dos seus amigos.

As melhores composições dramaticas de Schiller, são: *Os Salteadores*, *D. Carlos Valenstein*, *Maria Stuart*, *Guilherme Tell* e *Joanna d'Arc*.

Tambem é avultado o numero de novellas, poesias soltas e artigos de critica, que escreveu. Morreu em Weimar, tendo 48 annos de idade.

Villa do Conde.

M. FLORES.

## CARTEIRA UTIL

## NEURALGIAS

As causas das neuralgias são tão diversas como multiplas.

A inflamação ou a simples congestão do nervo, uma lesão qualquer dos órgãos innervados pelos seus ramos, uma ferida, uma cica-

triz, uma caria, a alteração do sangue pelo herpetismo, rheumatismo, syphilis ou mesmo só pela chlorose, por uma lenta entoxicação, emfim, pelo miasma dos pantanos, pelo mercúrio ou chumbo, são em geral as causas do desenvolvimento da hyperesthesia nervosa.

Uma corrente de ar, uma ventania, a impressão do frio humido bastam para fazer manifestar-se o accesso neuralgico, cujos phenomenos,



JANTAR DE DAMAS BIRMANIAS

longe de variarem com o nervo affectado, apresentam-se ao contrario, sempre e em todos os casos, com os mesmos caracteres.

Todos os nervos indistinctamente podem ser atacados de neuralgia, mas em alguns d'elles a hyperesthesia dolorosa desenvolve-se com extrema frequencia, taes são o nervo *trifacial* ou *trigemeo*, os nervos *intercostaes* e o grande nervo *sciatico*.

As neuralgias tomam o nome dos nervos que affectam e por isso dizemos *neuralgia facial*, *hemicranca*, *neuralgia intercostal* e *neuralgia sciatica*.

As neuralgias são um encommodo horrivel, que torturam os pacientes e têm uma influencia tão activa no organismo que predispõem para o suicidio.

As neuralgias devem ser tractadas com todo o cuidado, logo que se manifestem e quando no começo são combatidas com a prudencia que a sciencia aconselha, raro deixam de ceder aos medicamentos prescriptos.

Se as neuralgias estão ligadas a qualquer outra doença geral ou local, convém, primeiro que tudo, procurar, para as combater, destruir a affecção originaria da hyperesthesia nervosa.

Os accidentes dolorosos serão atacados internamente pelos narcoticos e pelos antipasmódicos—extracto de opio, belladonna, aconito—em doses progressivas de 0,05 até 10 centigrammas, e pelos preparados *bromados*, como o meimendo, a valeriana e o oxido de zinco em partes iguaes.

O sulphato de quinina é quasi sempre effcaz, mas, se a neuralgia estiver sob a dependencia do herpetismo, é preferivel recorrer ao arseniato de soda.

O chloroformio, o ether chloridrico ou o nitrato de amyle, em inhalações, bastam muitas vezes para domar immediatamente a dôr neuralgica.

A applicação de calmantes é sempre vantajosa e algumas vezes a injeção subcutanea de algumas gottas de chlorhydrato de morphina em solução aquosa a 100.º dá um alivio immediato, mas menos duradouro do que o obtido pela applicação de visicatorios volantes sobre o proprio lugar da dôr.

A electricidade, principalmente contra a *sciatica*, dá optimos resultados, como tem sido confirmado por numerosissimas experiencias feitas pelos mais celebres clinicos tanto no estrangeiro como no paiz.

Finalmente a cauterisação com o ferro em brasa ou a resecção do nervo doente são a unica cura, quando em vão se recorre aos outros meios para livrar o doente das cruciantes dores d'esta terrivel enfermidade.

---

ALBUM

---

PYRILAMPO

Encantador pyrilampo  
adorno da noite em maio,  
vem luzir n'este meu canto,  
dá-me d'esses teus um raio.

Tu das estações incertas  
nada tremes, nada provas;  
dá-te vida a primavera  
e o odór das flôres novas.

Não morres, mas adormeces  
enquanto os ventos irados  
açotam as altas faias,  
dessecam os verdes prados.

Ah! se como tu podesse  
dormir, quando as tempestades  
dos desastres alvoroçam  
no meu peito mil saudades!

Não queria viver mais  
que o tempo que tu existes.  
De que servem tantos dias  
quando são todos tão tristes?

MARQUEZA D'ALORNA.

---

## HISTORIA DE PARIS

Resumo da historia e desenvolvimento da capital de França desde os tempos mais remotos ate aos nossos dias

VERSÃO DO FRANCEZ DE ROGERIO DE VILLAMAIOR

### III

#### Paris no tempo dos Carlovingios

OS REIS da segunda raça tambem residiram mui poucas vezes em Paris, e comtudo o commercio d'esta cidade engrandeceu, devido ás frequentes relações que, os francos mantinham com os povos da Italia.

Carlos Magno visitou muitas vezes Paris, a que chamava «o thesouro dos reis e o mercado dos povos», e nomeou um conde seu governador. Não só uma terrivel peste assolou a população, mas ainda os parisienses soffreram por muito tempo com as invasões dos normandos, que tres vezes saquearam impunemente a cidade, devastando e queimando as egrejas visinhas. Notre-Dame, S. Genoveva, S. Vicente, S. Germano dos Prados e S. Germano l'Auxerrois, foram preza das chammas. Na quarta invasão dos normandos, o patriotismo dos habitantes foi levado ao mais alto grau pelo bispo Gozlin, que se apressara em juntar mais fortificações ás que Carlos, o Calvo, mandara construir (877).

Os barbaros, em numero de trinta mil, sitiaram Paris durante um anno, sem cançar o ardor dos sitiados. Mas Carlos, o Gordo, comprou a retirada dos normandos por mil e quatrocentos marcos de prata. A abbadia de S. Genoveva soffrera com o cerco. Foi reparada, e quando, alguns seculos depois, desapareceu sob as modernas construcções, deixou ainda alguns vestigios notaveis do primitivo monumento.

Carlos Magno fundou escolas publicas em Paris, onde já havia certas instituições para as pessoas, que se destinavam ao sacerdocio; em 900, Remi, conego de S. Germano d'Auxerre, abriu uma escola de philosophia.

Este grande movimento intellectual parou quando morreu o grande imperador, cujos successores não trabalharam para o engrandecimento e prosperidade d'uma cidade, que não amavam, que ainda não era o coração da França, e que devia unicamente tornar-se capital quando os condes de Paris cingissem a corôa e fundassem a terceira dynastia, a dos Capetos. Todavia, Luiz o Affavel, reuniu dois concilios em Notre-Dame, em 820 e 829. Depois da sua

morte, o poder dos condes de Paris não cessou d'augmentar, e juntaram ao seu titulo o de duques de França.

(Continúa.)



## POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

**P**ORTANTO puz-me a estudar a morte sob seus diferentes aspectos. A primeira ideia que me occorreu, foi a de enforçar-me; mas regeitei-a logo, pensando na ridicula figura que devia fazer um homem n'essa posição anormal. É verdade que se tem dito, que a forca não é mais que uma balança que tem em um dos braços a terra e no outro o homem. Isso porém não bastou para rehabilital-a na minha imaginação. A forca, meu caro, não é mais que uma satisfação de amor proprio dos homens, uma especie de lisonja que elles se dirigem em nome da civilisação. Cada grande cidade, que se respeita, tem um pelourinho e de tempos a tempos enforcam alli uns pobres diabos com o fim de fazer acreditar á massa dos outros homens, que elles são melhores que aquelles que foram enforcados.

Pregar pois um prego n'uma parede, servir-me de uma miseravel corda para cumprir esse ultimo acto da vida, pareceu-me, repito, apesar do exemplo de meu avô, uma coisa de mau gosto.

Passei a estudar os venenos, mas reflecti que qualquer insignificante, tinha sempre á mão os tortulhos venenosos.

O envenenamento é, pensando a gente bem, a morte de qualquer cosinheira ou de qualquer pasteleiro; e o proprio acido prussico é de um effeito tão rapido, que denuncia a covardia de suportar a dôr.

O revolver repugnava-me tambem. Esses pedaços de craneo e de cerebro, que ficam collados nas paredes, são uma prova evidente de que o suicida era um homem pouco educado. É entrar na morte, como essas cortezãs que entram nos camarotes, fazendo bulha com as cadeiras para atrahirem as atenções da plateia. E depois, quando tivermos de apparecer no val de Josaphat, é necessario em antes pôr annuncios promettendo alviçasas a quem nos entregar

esses destroços do nosso craneo, que a explosão do tiro espalhou.

Restava-me, portanto, a agua e a queda, o Tamisa ou a torre de S. Paulo. Eu desconfiava da submersão, que devo confessal o, tinha para mim poucos attractivos. É difficil a um homem que nada como um peixe do mar, affogar-se em agua doce.

A queda ainda tem maiores inconvenientes do que o tiro.

Ao fim de oito dias de reflexão, durante os quaes o meu spleen augmentou de intensidade, eu estava tão indeciso, como no primeiro instante, em que pensei em matar-me.

### VIII

#### A porta da morte

Esse oitavo dia era uma quinta-feira, recorde-me perfeitamente.

Approximei-me da janella e chovia. Era uma d'essas chuvas finas, iguaes e incessantes, que parecem não ter fim.

Sentei-me n'um *fauteuil* toquei a campainha com impaciencia.

O creado de quarto appareceu, este mesmo que acaba de servir-nos e que me é muito affeioado.

— Tony! disse-lhe eu.

— Mylord? respondeu, approximando-se de mim.

— Tony, estou aborrecido.

Elle inclinou-se respeitosa e demonstrando que comprehendia bem a minha situação moral.

— Tony, disse-lhe eu, tu sabes o que é o spleen?

— Salvo o respeito, que devo a v. ex.ª, eu sei por experiencia propria o que é essa doença.

— Tu tens spleen Tony?

— Sim, mylord.

— Ha que tempo?

— Ha trez annos.

— E tens podido resistir-lhe?

— Mylord carecia dos meus cuidados e eu devia conservar a vida para prestar-lhos.

Era uma lição de alta moral, que me dava o meu creado de quarto.

Estendi-lhe a mão e elle inclinou-se com emoção.

— Tony, disse-lhe eu depois de alguns momentos de recolhimento. Eu não posso explicar-te agora todos os detalhes da minha posição. Tenho o spleen e quero cural-o.

- Não ha senão um meio, mylord.  
 —O suicidio.  
 —Mylord está resolvido?  
 —Completamente.  
 —Quando deseja v. ex.<sup>a</sup> levar a cabo o seu projecto?  
 —O mais depressa possivel.  
 —Eu nunca o abandonei e v. ex.<sup>a</sup> hade consentir que eu o acompanhe n'essa ultima viagem.  
 —Sem duvida, Tony.

Agora, Roberto, quando penso n'essa scena um pouco lugubre, dá-me vontade de rir, lembrando-me da nossa seriedade e já vae vêr qual era a dedicação de Tony, discutindo commigo o modo de nos retirarmos da vida pela porta falsa do suicidio. *(Continua.)*



MULHER DO CAIRO

## PASSATEMPO

## ENIGMA

2	2	1	2	2	1	1	1	1	2
T	M	O	P	C	O	Q	N	T	C

## CHARADAS

No peão esta encontrei—1  
 E alegre eu me mostrei—1  
 Já maduro o apanhei—1  
 Na manhã de S. João.)<sup>1</sup>

Vi na villa luminarias  
 E no campo o todo vi,  
 No prado não ha lanternas  
 Nunca lá as conheci.

P. A.

## CHARADAS NOVISSIMAS

Este meu parente atraz do rei é um homem—2—1  
 Este instrumento levanta a terra, obedecendo ao pensamento—1—2  
 Pica e prende este homem—2—1.

P. P.

Explicação do enigma proverbio do n.<sup>o</sup> 14:

*Amor de mulher e festa de cão só attentam para a mão.*

Explicação das charadas do n.<sup>o</sup> 14:

## REGATO—UBICAÇÃO

Explicação do enigma do numero antecedente:

*A instrução é tudo; é a fonte fecunda da ordem, do repouso e da felicidade.*

## ENIGMA POR SUPPRESSÃO DE CONSOANTES

## PEDIDO

*Ricardina dá-me um beijo  
 Em signal de terno amor,  
 Senão deixa que eu oscule  
 O teu rosto encantador.*

Explicação da charada:

## BEIJO

Explicação das charadas electricas:

## ANNA—LIDE